

O RADICAL

SEMANARIO EXTRA-PARTIDARIO

N.º 9

ANO I

Quinta-feira, 29 de Dezembro de 1910

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — Campo da Liberdade n.º 20

BARCELOS

Comp. e imp. — Tip. Universal — R. das Oliveiras, 75 — Porto

EDITOR

Antero Correia dos Santos

PROPRIETARIO e DIRETOR

Antonio Ballarín

BIBLIOTECA

ADMINISTRADOR

Luiz Fonseca

SOBRE as RUINAS do PASSADO

Por muito que nos custe duvidar da sinceridade e desinteresse dos inimigos do ideal republicano ao serviço da causa que afundou num lamaçal de ignominias e num passado cujos escombros sam delapidações e desonestidades vergonhosas, temos de convir que a essas duvidas dão-lhe origem fatos de logica um tanto convincente.

Homens — ainda que dignos caratères — hontem enfeudados a partidos de descrédito moral evidente e em defeza de praticas governativas que, em torpes ademanes de fingida sinceridade, não cessavam de impôr como melhores para o progresso do país, não podem hoje ser impunemente acreditados, nem a sua apregoada qualidade de amor patrio devidamente aquilatada, pela persuasiva razão de pouco tempo depois terem a civica coragem e o inaudito impudor de apontar, como sessões, precisamente aquelas qualidades que anteriormente qualificaram de boas, uteis e serias.

Então, quando havia clientelas a servir e ambições a satisfazer, ainda que ilegítimas e exageradas, quaisquer processos de combate eram decentes, e seriíssimos todos os meios, quando no sentido da derrota total do adversario.

Nesses ignominiosos tempos em que «dois homens publicos, em luta, arrastando atrás de si agrupamentos politicos pensavam quasi sempre mais na maneira melhor de odiarem do que no cumprimento serio de programas de governo!»

Em face de semelhantes dispausterios que o vagar nos ha dado observar nas colunas do jornal monarchico local «O Comercio de Barcelos», não só tiramos a conclusão de que a monarchia perdeu-se por falta de leais servidores, como também esta outra tradusivel na repugnancia e nojo que nos causam varios pseudos monarchicos, alardeando sentimentos de amor patrio e isenção partidaria, exuberantemente desmentidos em fatos de incontrastavel evidencia.

Os mesmos que hontem, defendendo um partido de moral governativa justifiadamente suspeita, levavam á conta de injuria e de malevola insidia qualquer asserção desfavoravel relativamente á sua sinceridade de crenças partidarias e não já monarchicas para não avançarmos tanto.

Aqueles que acoimavam de injusta e faciosa qualquer critica, ainda que benigna, aos atos do governo da sua côr, não sem que hoje reconheçam que todos eles foram uma serie de desatinos e desvarios.

Mas não se argumente com um illusório arrependimento da defeza dos erros passados, porque pelo simples acaso da mudança de instituições, demais com surpresa de todos, difficilmente poderá explicar-se qual a razão porque o «vulgar, o triste espetáculo do uso e abuso de violentas medidas de governo chegando até á illegalidade», hontem util «para a defeza da ordem, do progresso e das instituições» da época, hoje é considerado como um dos piores elementos dissolventes do antigo regimen.

Com estas considerações que antecedem a critica, em breves palavras, duma pituresca tese rapidamente esboçada no ultimo numero do citado colega local, temos em vista denunciar a sinceridade que não vimos e ainda o desejo dum sonhado predomínio politico na problematica hipotese duma restauração, desejo que claramente perscrutamos na aludida tése.

Resa assim: sendo preciso construir sobre as ruinas do passado, essa util obra só será levada a cabo pela Monarquia — tal como ela deve ser.

Daqui concluimos que o material antigo não é considerado aproveitavel para resistente sustentaculo do novo estado politico, o que equivale a pôr de lado aqueles idolos que no tempo da ominosa o colega tão ardentemente defendeu com pomposas adjetivações de *sublime* para cima.

Desta forma não podemos deixar de considerar disparatada a opinião do conspicuo confrade e alem disso prejudicialissima para o futuro do país, não só porque as excelencias dum regimen politico não podem ser justamente apreciadas, nem o devem ser tam pouco, pelos atos beneficos ou inúteis duma reduzida parte, se bem que escolhida, dos seus serventuarios, como também porque uma monarchia — tal como deve ser — é uma forma de governo muito semelhante á republicana, tendo apenas de melhor, ou de pior, o que para o progressivo desenvolvimento dum povo é de somenos influencia e um simples elemento decorativo.

Nestes termos, a nosso ver rigorosamente exátos á face dos principios, defender o ideal monarchico é o mesmo que levar a nação a convulsões desnecessarias, que a boa vontade de muitos e a abnegação de todos poderia evitar.

Os monarchicos, aqueles que cuidam mais dos interesses da patria, do bem estar geral, do que das suas ambições, embora legítimas, teem apenas um caminho a seguir em vês de enveredarem pelos perigosos atalhos de rocambolescas aventuras:

Reunirem-se num forte agrupamento patriótico com o unico intuito de bem servir a Republica, elevando-a ao apogeu da gloria, ou salvando-a duma derrocada fatal se, porventura, para esse perigo caminha a politica do governo provisório.

Tudo o mais — é transplantar para a Republica aquele pernicioso mal da Monarquia que o colega muito bem sintetizou nas palavras que sam admiraveis para o fechar deste artigo: — «aquele que primeiro conseguisse o poder, logo tratava de inutilizar o outro, de contra ele mover a mais furiosa perseguição, que não só vizava atingir dirétamente o adversario mas ainda a qual-quer que mais ou menos lhe estivesse ligado.»

Respigando...

AOS BONS PORTUGUESES

Rumoreja-se pela vila que alguns individuos, ex-magnâtes dos partidos da falida monarchia, trabalham áttivamente para que os cidadãos nomeados para as comissões paroquiais das diversas freguezias do concelho não aceitem esses cargos, para com isso criarem difficuldades á republica portuguesa.

E' um procedimento infame, só digno d'aquêles que aclamaram o celerado ditador João Franco, e defenderam toda a casta de traficancias do escroc José Luciano ou do adeantador Teixeira de Souza, três dos mais eminentes defraudadores do tesouro.

A todos os nomeados para os cargos a que nos referimos, lembramos que é um dever de todo o bom português trabalhar pela republica, que é o caminho da emancipação da Humanidade, e com ela cooperar na obra de regeneração social e económica a que os seus homens se entregam.

Despreze-se as vilanias desse bando de inconscientes imbecis e dediquem todos os seus esforços, todo o seu amor e toda a sua vontade pela missão do governo provisório, que isso será pugnar pela prosperidade do país, pelo levantamento moral do seu povo.

Pela republica, é o devêr dos bons portugueses!

AO SNR. ADMINISTRADOR

Bem queriamos nós não termos de voltar tam cedo a dirigirmo-nos á autoridade administrativa, pois a insistencia com que nos temos obrigado a fazê-lo pode, posto que isso constitua uma injustiça ás nossas intenções, criar em algumas pessoas o juizo de máus propositos nossos, de tal fórma elas estão ávidas de encontrar *descontentes* entre os republicanos de Barcelos.

Mas como todos os seres viventes que não constituem uma aberração, temos ainda bem latente o instinto da conservação; e isso nos leva a reclamar providencias, energicas providencias, para o abuso intoleravel que por esta vila se está fazendo das armas de fogo.

Parece que hoje não ha ninguém, que se prese, que não tenha o seu Abadie, o seu Smit, ou a sua Browning; e, como estas noites de dezembro que correm são bastante longas, utilizam esses estoijos no passatempo de os despejar, em simples exercicio se por ventura falta a oportunidade excelente de uma desordem.

Sam, sem duvida, divertimentos que muito pouco garantem a integridade fisica de todos nós, e tanto basta para que eles nos desagradem.

Oxalá as medidas repressivas de tais abusos se não façam esperar.

JÁ?

Foi querelado o nosso colega da capital «Correio da Manhã». Lemos por duas vês o artigo vizado. A primeira porque somos leitores assíduos do brilhante jornal; a segunda porque o procedimento do digno deiegado do procurador da Republica espicaçou-nos a curiosidade de apreciar o justo ou injusto motivo da que-rela.

Pois, franquesinha franca, nada vimos que nos desse no goto — a nós, imaginem, que damos o cavaquinho por um naco de prosa causticante e ardente como... a mais forte pimenta.

Afinal um artigo de critica, um pouco viva, a respeito da transferencia dos cinco atrevidissimos juizes da Relação de Lisboa que despro-nunciaram o dr. João Franco; mas prosa muito áquem daquela que, nos tempos, da falecida, com tanto gosto apreciámos nas colunas do nosso furibundo colega «O Mundo».

Será o principio do... fim?

Adeus, louca estouvada, que vaes á viola!

UM BOATO

Corre insistentemente pela vila o boato de que vai ser dissolvida a mesa do Hospital da Mesericórdia. Apontam-se até motivos e irregularidades, naturalmente vindas a publico para justificação de tal medida.

Nada, contudo, oficial; sendo certo que todos apontam a dissolução como um acontecimento proximo.

Pela nossa parte entendemos que é de toda a conveniencia afastar a politica de tam prestante casa.

E' certo que pode haver razões, mais ou menos ponderosas, que tornem necessaria a dissolução da mesa; mas neste caso incumbe á autoridade apagar do publico toda a sombra de duvida, esclarecendo antecipadamente, e por meio da imprensa, a medida que por alguns pô-

de ser levada á conta dum áto de réles poli. i quice.

E' preciso que o publico não desconheça o motivo inofismavel da dissolução da mesa.

Ou bem que estamos na Republica para o procedimento da autoridade ser por todos conhecido e antecipadamente apreciado; ou reina ainda a monarchia que muitas vês nos colheu de embuscada com incalculaveis surpresas, por isso mesmo caraterizadamente violentas.

JUIZES E MINISTROS

Inqualificavel o procedimento do governo, transferindo para a relação de Nova Gôa uns juizes da relação de Lisboa que se atreveram a despronunciar, por muito aceitaves e ponderosas razões, e no uso de incontestaveis direitos, os ditadores franquistas.

At! muito teriamos que diser, se não fossem aquêles terríveis paragrafos e artigos da liberticida lei de imprensa, que o governo provisório da republica portuguesa *houve por bem* promulgar...

Podem acusar-nos de maus republicanos. Mas nós é que, perante atos d'esta natureza, não podemos calar a nossa indignação nem sofrer o nosso protesto.

Temos bem a consciencia do que somos, e de mais não precisamos para sabermos pôr de parte, sem preocupação de especie alguma, essas increpações que se nos dirige, á sucupa, por entre dentes, em conversas de magnâtes politicos.

A NOSSA SUBSCRIÇÃO PARA OS POBRES E ENCARCERADOS

Publicamos adeante uma noticia sobre este assunto, mas algumas considerações que, ao escrevê-la, mais de uma vês quase nos escapavam da pena, quisemos deixar-las para esta seção, para não empanarmos a aureola de hossanas em que a outra prosa devia resplandecer.

Quem quiser passar, com um pouco de atenção, a vista pela relação dos subscritores, muito poderia ler no que nela aparece escrito, e talvez até mais eloquentemente naquilo que, por entre frases equivocadas, deixou de escrever-se.

Lançamos mãos a uma obra de caridade; julgavamos que esta palavra só, tam comvente na simplés e doçura das suas quatro silabas, seria o bastante para que todos excluíssem da nossa missão fins ocultos ou intenções politicas. Tivemos a ingenuidade de supôr que todos que pudessem dispor insensivelmente de um modesto tostão poriam de parte despeitos, antipatias pessoas ou descontentamentos pelo nosso jornal, por vês causticante, realmente, para, apenas se lhe deparasse ocasião, deporem no nosso regaço esses miseros vintens destinados a matar alguma fome, a aliviar algumas penas.

Levamos a nossa candura a ponto de julgar que não haveria alquem que aproveitasse este momento para nos pretender morder, já com o seu humorismo pestilento como com as suas verrinadas biliosas.

Doce engano de alma em que viviamos. Houve de tudo — infelizmente; corações bem formados que se apressaram a auxiliar-nos, consoante os seus meios pecuniarios, sem que fossem movidos por outra intenção que não a da prodigalizar algum bem a meia duzia de infelizes.

A estes devemos todo o nosso reconhecimento, toda a nossa muita gratidão.

Outros, caratères menos dignos, espiritos sem a menor noção do Bem, ousaram aproveitar tal oportunidade para nos maguarem, não se lembrando de que com as suas aleivosias cuspiam na desventura daqueles que queriamos proteger; na fome, na miseria, na doença de muitos seres, e enxovalham com as suas palavras uma obra toda feita de louvaveis sentimentos, — tenhamos essa legítima vaidade! A esses, que são os que — quem sabe se até na nossa presença! — escarneciam da nossa missão e pretendiam ridiculariza-la com uns dez ou vinte reis atirados por entre gargalhadas cinicas, acobertados com o anonimato — todo o nosso desprêzo, que é a unica coisa que podem merecer-nos as aberrações da natureza.

Ha ainda uma outra especie, se bem que em muito reduzido numero: é a meia duzia que olhou com desdem as nossas listas, encolhendo os hombros e voltando as costas, conscios e muito seguros da superioridade... *do côrte do seu fato, do engomado do seu colarinho*, de todo o seu chiquismo, enfim.

Estes, melhores do que os outros serão? Não. Menos perniciosos porque nos não enlamearam, mas não menos desprezíveis, porque se não o fiseram foi... por não terem coragem para isso.

Cobardes em tudo!... Continuem essas excelencias no goso beatifico da sua egoista felicidade, mas longe de nós, bem longe, para nos não sujarem com a *impêsa* do seu caráter e dos seus sentimentos.

E continuem também as almas caridosas, os homens na verdadeira acção da palavra, aquêles que conhecem, e com ela também sofrem, a miseria de uma grande parte da Humanidade, continuem esses juntos de nós, a auxiliar-nos em novas cruzadas do Bem que de futuro encetemos, que a certesa de cumprir um devêr ser-lhes-á compensação bastante, não falando no prásêr de ter mitigado um pezar.

Isto são coisas só compreensíveis para quem sabe o que é, o que lhe cumpre e o que lhe pertence, como Homem.

O RADICAL

Em breve iniciaremos a cobrança relativa á serie dos n.ºs 1 a 10 do "Radical". Esperamos dever a todos os nossos presados assinantes a gentilêsa de, para nos evitarem novas despêsas e complicações no serviço da administração, satisfasêrem sem demora os respêtivos recibos.

OS MORTOS

D. Maria Joaquina Ferreira

Pelas doze horas do dia da passada sexta-feira, faleceu na freguesia de Charente, deste concelho, a respeitavel anciã ex.ª sr.ª D. Maria Joaquina Ferreira, extrema mãe do consi-derado clinico e membro da comissão municipal republicana sr. dr. Luiz da Cruz Ferreira.

A veneranda senhora, que contava setenta e quatro anos de idade, era estimadissima na freguesia pelas suas excelsas virtudes e peregrinos dotes de bondade, a todos os momentos comprovados em atos da mais generosa filantropia para com os necessitados que para ella apalavam.

O funeral, dirigido pelo amigo intimo da familia, sr. dr. Manuel Loureiro, teve lugar na passada segunda feira pelas nove horas da manhã, com grande concorrência de pessoas desta vila e ainda por muitas da aldeia tam querida da extinta, que lamentavam com palavradas de sincera magua a morte da estimada velhinha.

Para as borlas do caixão organizaram-se dois turnos assim constituídos: — o primeiro pelos snrs. João Carlos Coelho da Cruz, dr. João Novaes, Francisco Machado Carmona, dr. José de Castro Figueiredo de Faria, dr. Antonio Ferraz e dr. Miguel Carneiro; e o segundo pelos snrs. Joaquim Gonçalves da Silva Matos, José Monteiro, Augusto Melo, Manuel Cardoso de Albuquerque, Jose Alves de Faria e Albino Cruz.

Duas corôas oferecidas pela familia conduziram-nas os snrs drs. João Cardoso de Albuquerque e José Maria dos Reis Vale.

Entre o grande numero de pessoas que acompanharam á ultima morada a inditosa senhora, recorda-nos ter visto as seguintes: dr. João Cardoso de Albuquerque, Francisco Machado Carmona, dr. Reis Vale, dr. Gonçalo de Araujo, João Carlos Coelho da Cruz, dr. João Novaes, Joaquim Gonçalves da Silva Matos, José Monteiro, Albino Cruz, Manuel Cardoso de Albuquerque, Augusto Melo, José Antonio Torres, Augusto Vieira, dr. Miguel Fonseca, dr. Teotonio Fonseca, Francisco Caravana, Augusto Ferreira, Antonio Justiano da Silva, Francisco Torres, Frederico Carvalho, Fernando Marinho, Antonio Ferreira Pedras, dr. José de Castro Figueiredo de Faria, dr. Luiz Martins da Costa Soares, Antonio José da Fonseca, José Antonio Dias Pereira, João Candido da Silva, tenente Bacelar, dr. Martins Lima, tenente Barbeitos, Secundino Esteves, Crisogono Correia, Antonio Azevedo, José Figueiredo e Antonio Baltazar, desta vila; dr. Miguel Carneiro e Domingos Carvalho, de Gual; Joaquim Gomes Lobarinhas, Eduardo Henrique Neves, Joaquim Vieira Gomes da Costa, Anselmo Leite, Eduardo Augusto Machado, José Gomes Serra, Torquato Amadeu Peixoto e Narciso Francisco Nogueira, de Goios; Germano J. Paes de Faria, José Antonio da Silva e Manoel José Fernandes, de Alvelos; José Alves de Faria, Caetano de Macedo Faria Gaio, Placido Lamela, João Maciel, dr. Antonio Ferraz, Manoel Gomes da Silva Moreira e Manoel Campelo, de Barcelinhos.

A familia enlutada, e em especial ao querido filho da extinta, o nosso respeitavel amigo dr. Luiz Ferreira, as nossas sinceras condolências.

Alferes Henrique Manoel de Miranda

Consternou-nos profundamente a noticia na segunda-feira recebida, quase abrupta e inesperadamente, da morte do inditoso alferes Henrique de Miranda, uma grande alma, uma grande inteligencia e um grande caráter.

Nestas poucas palavras se encerra o mais justo e completo elogio do morto querido, sem necessidade de recorrer ás banalidades inexpressivas que, geralmente, a imprensa usa consagrar á memoria dos que se vão desta vida para a materialização do Nada.

Nós, que com elle muito de perto vivemos, tivemos bem occasião de apreciar as excellentes e belas qualidades, hoje tam invulgares, que em si reunia: alma grande, que nunca conheceu senão nobres e generosos sentimentos e que nunca soube senão prodigalizar o bem; intelligencia poderosa, acobertada com a grande modestia que caracteriza os homens de valor; e caráter integro, de uma honestidade a toda a prova, sem uma só macula que o pudesse deslustrar.

Como militar, honrou a farda que vestia: era o distinto e dos mais illustros; dedicado á causa monarchica com umas tais convicção e sinceridade que nós proprios, comungando em ideais dos seus tam afastados, não podiamos deixar de o admirar e respeitar.

Muito mais do que as nossas palavras significa o profundo sentimento que o seu trespasso causou

em todos quantos com elle lidaram, amigos e camaradas, mercê da enraizada afeição que de todos conquistou.

O saudoso alferes Miranda era ainda bastante novo, pois completara 29 anos em 15 de agosto ultimo. Alistou-se no exercito em 24 de julho de 1902, ano em que concluiu os preparatorios do liceu, sendo promovido a alferes em 15 de novembro de 1907.

Serviu neste posto no batalhão de caçadores 3, aquartelado em Valença, onde desempenhou o lugar de professor do curso de sargentos e com muita proficiencia, pois a uma grande vastidão de conhecimentos gerais aliava a apreciavel qualidade de ter um bom metodo pedagogico.

Encontrava-se em Barcelos, no serviço do 3.º batalhão de infantaria 3, desde 4 de junho do ano ultimo, 1909.

Aqui teve tambem a seu cargo o curso de 1.º cabos e, por vêses, interinamente, o de sargentos; foi ainda bibliotecario e ajudante do batalhão.

Ha tempo já que a sua saude andava algo abalada; mas não deixando, contudo, entrever a possibilidade de um desenlace tão proximo. Porém, em principios de outubro, começaram a agravar-se os seus padecimentos e de forma tal que a 12 desse mês viu-se forçado a deixar, mal sabendo que para sempre, de fazer serviço, já retido no leito. Não lhe valeram os desvêlos da ciencia, nem os cuidados de sua carinhosa esposa; a tuberculose caminhava atrozmente, impellido-o para o caminho da Morte.

Em principios de novembro recolheu a casa da sua mãe, a ex.ª sr.ª D. Laura de Miranda Meneses, na quinta de Cruges, em Gondifelos, concelho de Famalicão, onde veio a falecer.

O malogrado alferes Miranda era filho do antigo proprietario e fundador do «Comercio do Porto» sr. Henrique Carlos de Miranda e casado, ha pouco mais de dois anos, com a ex.ª sr.ª D. Maria Ana Pizarro Monteiro de Mirauda, filha do conceituado negociante do Porto sr. Albano Monteiro.

O seu funeral realizou-se ante-hontem, na freguesia em que faleceu, ficando o cadaver depositado na capela, de onde seguirá para o Porto, em carro funerario, para ser sepultado em jazigo de familia.

A elle assistiram o seu parente sr. tenente Luis Cardoso Meneses; o sargento ajudante sr. Augusto da Silva Soto-Maior e 1.º sargento Armenio Correia, representantes da corporação dos sargentos do batalhão; e representando os officiaes o sr. tenente Nicolau de Barros Bacelar, que conduziu uma corôa com a seguinte dedicatória: *Como preito e homenagem de saudade—Os seus camaradas do 3.º batalhão.*

No feretro foram depositas ainda mais seis corôas, oferecidas por diversas pessoas de familia e amizade.

A ex.ª sr.ª viuva, cuja cruciante dôr avaliamos, e a toda a mais familia enlutada, enviamos a expressão do mais sentido pesar.

Tambem faleceram:

No passado domingo, nesta vila, a sr.ª Ana Fernandes Domestica, que ha alguns anos estava ao serviço da familia do falecido negociante sr. Manoel Joaquim Coelho.

No mesmo dia, em Alvelos, o sr. Antonio Pereira, do lugar da Prêsa.

Na penultima quarta-feira, em Galegos (Sautaria), o sr. Antonio Coelho, conhecido por «o da Bouça».

No sábado passado, em Perelhal, a sr.ª Maria Joaquina Duarte.

A todos os doridos, os nossos pezames.

Eseritorio

O sr. dr. José Vieira Ramos mudou o seu escritorio de advogado e notario para os baixos do Hotel Vinagre, sito á Porta Nobre, aonde tambem exerce as funções de solicitador o sr. Manuel de Faria.

Lei do inquilinato

Foi prorogado até 14 de janeiro proximo o praso para a entrega, na Repartição de Fazenda, dos mapas ou nota dos predios urbanos arrendados, e até 31 do mesmo mez a dos respêtivos contratos de arrendamento.

Sarau

E' no proximo domingo, 1 de janeiro, que a corporação dos sargentos do batalhão de infantaria aquartelado nesta vila leva a efeito o sarau dramatico-musical em beneficio das vitimas da revolução que implantou no nosso pais o regime republicano.

O sarau constará do seguinte

PROGRAMA

Concerto musical por uma das melhores bandas regimentais.

A hilariante comedia em um ato *Grande e horrivel crime*, desempenhada pelos sargentos Silva, Costa, Barreiros, Alçada e Soeiro.

Duas lindas poesias recitadas por distintos *diseurs*, estudantes militares.

A chistosa comedia em um ato *Macacos no sotam*, desempenhada pelos sargentos Silva, Barreiros, Alçada, Soeiro, Pimenta e Costa.

As comedias foram ensaiadas pelo apreciavel amador sr. Eugenio Azevedo.

O sarau começa ás oito horas.

Preços do costume e bilhetes á venda no Café do Teatro.

O revólver em ação

Dois crimes

Parece ter sido fértil em desordens a noite de sábado passado.

Nesta vila alguns desaguizados houve, lá para os Campos de S. José e da Liberdade, tendo-se até, ao que nos informam extra-oficialmente, disparado tiros, que felizmente ninguem atingiram.

Mais graves foram, porem, as consequências de outros disturbios, havidos em algumas freguesias deste concelho. Assim,

Em Tamel

Uma insignificante questincla, pelo mais fútil dos motivos, redundou em grande desordem, com lamentaveis consequências. Informemos:

Na venda de João Carvalho, situada junto á estação do caminho de ferro, estavam alguns individuos, entre os quais o lavrador Antonio Vaz Correia, de Aborim. Como alguém perguntasse se já tinha tocado na freguesia a trindade, apareceram pessoas que informavam afirmativamente e outras negativamente.

Qual delas mais teimosa, discute-se, teima-se... mas não se aposta.

A discussão azeda-se cada vez mais.

Rompe a pancadaria e o vendeiro trata de pôr tudo fora da porta, sem dar tempo sequer a que os desordeiros levassem consigo os chapéus e calçado, que andavam já pelo chão.

Serenado um pouco o conflito, rompem todos em apupos ao vendeiro, reclamando-lhe tais objéto e protestando contra o seu procedimento.

O vendeiro, irritado, ferido pelas chufas no seu amôr proprio, pegou numa espingarda e disparou-a para a multidão, segundo uns, atingindo no flanco e antebraço esquerdo o lavrador a que acima aludimos, sr. Antonio Vaz Correia.

Ha, porem, algumas testemunhas do caso que afirmam não ter sido o João Carvalho quem disparou. Segundo estas declararam, a espingarda disparou-se no momento em que o Carvalho segurava, pelo lado do cano, na espingarda, que então estava nas mãos de outrem.

O ferido deu entrada no hospital desta vila pelas cinco horas da manhã do domingo, sendo curado pelo facultativo sr. dr. Miguel Fonseca.

O sr. administrador do concelho, logo que teve conhecimento do crime, dirigiu-se para aquela freguesia, acompanhado pelo seu secretario sr. Secundino Esteves, afim de proceder ás necessarias diligencias policiaes.

Ante-hontem, de novo compareceram perante a autoridade administrativa, nesta vila, o acusado João Carvalho e as testemunhas, não se tendo ainda, das investigações procedidas até esse dia, apurado com rigor a quem cabe a responsabilidade do caso.

Em S. Paio

Tambem em S. Paio do Carvalhal andou em ação, na mesma noite, o revólver. Aí, foi vítima Manuel José Fernandes, do lugar da Prêsa, Alvelos, que tinha sido convidado pelo seu amigo Antonio de Vilas Boas a com ele passar, naquela aldeia, a noite de 24.

Quando estava á porta deste, a conversar com ele, dispararam-lhe um tiro, indo a bala alojar-se-lhe no flanco esquerdo.

Na manhã do dia seguinte, domingo, recolheu tambem ao hospital desta vila, onde já foi interrogado pela autoridade administrativa.

Parece suspeitar que o criminoso seja Antonio José de Barros, de S. Paio, com quem diz ter inimidades velhas, por uma questão de mulheres.

No proximo numero informaremos os leitores, pormenorizadamente, dos resultados das investigações a que se proceda em ambos os crimes.

Auto-lux

Abriu-se entre os habitantes do Campo de S. José uma subscrição para a compra de um aparelho *Auto-lux*, que proporcione naquêle local uma boa luz.

A comissão para recolher os donativos é composta pelos cidadãos Manoel e Fernando Cardoso de Albuquerque, Augusto Vieira e Antonio de Oliveira.

Escola

Por um decreto ha dias publicado, foi criada uma escola mista na freguesia de Encourados, deste concelho.

Mais uma vês a abundancia de original nos força a retirar muita materia, como sejam as CINCO BANALIDADES, FILOSOFIA ALEGRE DUM BARCELENSE TRISTE, CRÓNICA POLITICA e algum noticiario.

Posse

E' no proximo domingo que tomam posse dos seus cargos os socios ultimamente eleitos para gerirem, durante o ano de 1911, a Associação de Beneficencia dos Empregados no Comercio de Barcelos.

Comissões paroquiais

Estão já nomeadas e devem tomar posse no proximo domingo, as comissões paroquiais para as seguintes freguezias deste concelho: Aborim, Adães, Aguiar, Airó, Aldreu, Alvelos, Alvito, S. Martinho e S. Pedro, Ginzo, Arcuzelo, Areias de Vilar e Madalena, Balugães, Barqueiros, Bastuço Santo Estevam e S. João, Cambeses, Campo, Carapeços, Carreira, Carvalhal, Carvalhas, Chavão, Charente, Cristelo, Cossourado, Encourados, Faria, Goios, Grimancelos, Gual, Lijó, Maris, Martin, Midões, Monte, Moure, Palme, Panque e Mondim, Paradela, Pereira, Perelhal, Pousa, Remelhe, Rio Covo Santa Eugenia e Santa Eulalia, Roris e Quirás, Sequide, Silva, Silverios, Tamel Santa Leocadia e S. Verissimo, Ucha, Varzea, Crujeas, Viatodos, Vila Bôa, Vila Frescainha S. Martinho e S. Pedro, Vila Seca e Vilar do Monte.

No proximo numero publicaremos os nomes dos cidadãos que fazem parte das mesmas comissões.

Mercado semanal

Os preços dos cereaes no nosso mercado, medida 17, 37, são os seguintes:

Milho branco	580
» amareló	560
» alvo	700
Trigo	900
Centeio	900
Feijão branco	760
» amareló	700
» rajado	600
» fradinho	840
» preto	700
» manteiga	900
» mistura	640
Paingão	700
Tremoços	460
Batatas, cada 15 quilos	460

Cinematografo

Começa hoje a funcionar no teatro Gil Vicente um aparelho cinematografico da empresa Andres Bazam.

Ha sessões todas as noites.

Benemerencia

Por lapso, deixamos de noticiar no nosso ultimo numero o generoso donativo de cem mil reis, pelo sr. José Domenech feito á junta de parquia de Carapeços, para a construção de um cemiterio naquela freguezia.

Muito louvavel a benemerencia do simpatico amigo do povo de Barcelos, que já muito lhe deve.

Bombeiros Voluntarios

Temos já em nosso poder o programa definitivo das festas com que esta prestante e simpatica corporação humanitaria comemora o seu aniversario, no proximo dia 6 de janeiro.

Publica-lo-emos no proximo numero.

ANUNCIOS

ESCRITORIO do BANCO

Aluga-se o escritorio ao rez do chão da casa do Banco de Barcelos, abrindo uma das portas do largo da Porta Nova, e fechando a porta interior, por onde tem sido a entrada.

Quem pretender, deve mandar proposta por escrito até 31 de Janeiro proximo á

Gerencia do Banco.

Deposito de Materiaes para construção

H. Coelho Gonçalves & Fonseca

Campo da Republica (Antigo Campo da Feira) — BARCELOS

Sempre em deposito:

Telhas tipos—Marselha, Francez e outras.

Tijolos para fornos. Tijolos silico-calcarios, para construcções de chalets, tapamentos, vedações, etc.

Tubos de grez em todos os diametros, cimento. Azulejos, mosaicos, bacias para sentinas. Louza para telhados, eiras, socos e cabeceiras para campas.

Depositos de louza para agua e fossas Moura. Botijas para engarrafar vinho.

Deposito de bicicletas para venda e aluguer.

Grande modicidade de preços

Ninguem compre qualquer destes artigos sem visitar este Armazem.

Mercearia 1.º de Dezembro

Sebastião Pereira de Brito

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 27 e 29 — BARCELOS

N'este estabelecimento, no seu genero, o mais bem montado, encontra-se á venda, chá, café, arroz, assucar, bacalhau. Azeites e massas de superior qualidade.

Deposito da Companhia Velha do Alto Douro. Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoa. Louças e vidros. Artigos de papelaria e escriptorio.

Tudo superior qualidade e preços modicos.

CENTRO de NOVIDADE

Papelaria, livraria e tipografia

FERNANDO MIRANDA

136, Rua D. Antonio Barroso, 140 — BARCELOS

Além d'um completo sortido de artigos de papelaria e livraria, encontra-se o seguinte: chá especial, chocolate e cacau, farinha Nestlé e outras, cordas para instrumentos, sabonetes, perfume, miudezas, tabacos, loterias e postaes ilustrados, etc.

Imprimem-se cartões de visita, facturas, enveloppes, cartas, memoranduns, annuncios, etc.

Casa editora da nova colecção de postaes de Barcelos.

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS

DE

AURELIO RAMOS

Largo da Porta Nova

Rua Barjona de Sreitas

BARCELOS

Unica casa que recebe artigos de alta moda e que recebe constantemente novidades

Grandes sortimentos de artigos para senhoras

Blusas de malha de lã, qualidade de muito agasalho. Velludos inglezes para vestidos e bluzas. Sedas de côr e pretas lavradas para vestidos e blusas. Tecidos para luto. Saias de baixo. Blusas. Chales de malha. Espartilhos modelos.

Tecidos para fatos de homem

Magnifico sortido de flanelas, nacionaes e inglezas. Casimiras de côr diagonaes, picotilhos e cheviotes. Padrões da maior novidade para fatos e sobretados.

Flanelas, chitas, riscados, cachenez, chales, morins, pannos crus, etc., etc.

Miudezas

CAMISARIA, GRAVATARIA

Miudezas

Preços sem competencia que causam sensação

BRINDES AOS FREGUEZES

FARMACIA MODERNA

DE

João Pacheco Leite

RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

N'esta conhecida e bem montada farmacia onde se encontra sempre um esmeradissimo sortido de especialidades farmaceuticas, tanto nacionaes como estrangeiras, aguas mineraes de Melgaço e Vidago etc., ha á venda além de muitos outros artigos: Termometros, seringas dos mais reputados autores, esponjas, irrigadores e inhaladôres.

Tambem se encontra n'este estabelecimento o — Ferro molmetilarsinico — excelente tonico muito util na anemia, clorose e sempre que o organismo necessita um reconstituente inergico.

— Purgina — pequenas pastilhas aromaticas, o purgante ideal, muito agradavel, de grande vantagem por não exigir dieta alguma e sendo de efeitos seguros.

— Oleo Santiago — o puro oleo de bacalhau, o mais bem aceite por todos os estomagos ainda os mais debeis.

— Oleo aromatico — unico remedio até hoje conhecido para impedir a queda do cabelo e fazer desaparecer a caspa.

Aviam-se, com todo o esculpulo, receitas a toda a hora do dia e da noite.

O Radical

ASSINATURA

A sua assignatura no paiz será feita por series de 10 numeros ao preço de 300 réis.

Para o Brazil e Africa será por series de 50 numeros, ao preço de 1\$500 réis, acrescendo o porte do correio e despeza de cobrança nas assignaturas para o Brazil.

ANUNCIOS

Linha 40 réis
Repetições 30 réis